

DESAFIOS DOS LIVROS DE JOSUÉ, JUÍZES E RUTE

Estudar a vida de líderes do povo de Deus sempre foi um elemento motivador para o nosso crescimento pessoal. E nesta oportunidade, quando nos deteremos nos livros de Josué, Juízes e Rute, teremos a oportunidade de conhecer mais de perto a formação do povo de Deus no passado bíblico, aquele que deu origem à igreja do Novo Testamento e a nós que assim nos intitulamos hoje.

Por meio destes estudos verificaremos a mão de Deus operando apesar das limitações daqueles que eram chamados para liderar o povo. Como em todo o tempo, o Senhor deu a este povo sinalizações seguras do que seria a sua vontade para ele. Veremos também que aos crentes de hoje que, assim como no passado, Deus pode levantar líderes, homens e mulheres como nós, para nos conduzir e nos guiar em meio ao mundo perdido.

São muitos os desafios e promessas.

Deus fez a promessa de que Israel entraria na terra prometida e cumpriu essa promessa. Deus sempre fará o que promete, tanto a mim quanto a você.

No livro de Juízes perceberemos que Deus sempre dava uma oportunidade renovada de começar ao levantar repetidamente um juiz para Israel. Este é o mesmo Deus que repetidamente também nos dá a oportunidade de recomeçar quando nos afastamos dele ou até mesmo nos esquecemos do que ele fez por nós.

No livro de Rute, o afetuoso vínculo entre Rute e Noemi nos mostra o desafio do amor familiar que se aprofunda na raiz do sofrimento. Oferece esperança para outras pessoas que enfrentam circunstâncias difíceis e nos mostra a importância do nosso compromisso com o próximo. É mais uma vez Deus mostrando que está sempre pronto a redimir seu povo sejam quais forem as circunstâncias.

COMPROMISSO

Destina-se a adultos (36 a 64 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical. Os adultos de 65 anos em diante podem, obviamente, usar esta revista, mas a CBB destina a eles a revista

REALIZAÇÃO, cuidadosamente preparada para a faixa etária da terceira idade

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333 • CEP: 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS
Eletrônico – literatura@batistas.com

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

Redação

Eva Souza da Silva Evangelista

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar
Tijuca – Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
literatura@conviccaeditora.com.br

**QUEM ESCREVEU – Almir dos Santos
Gonçalves Júnior**, diácono e
membro da Igreja Batista Itacuruçá,
Rio de Janeiro, RJ.

SUMÁRIO

ESTUDOS DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Introdução aos estudos do trimestre	7
EBD 1 – O desafio à liderança	10
EBD 2 – As conquistas do povo de Deus	14
EBD 3 – Derrotados por causa do pecado	18
EBD 4 – A ocupação da terra	22
EBD 5 – Comprometidos com o passado	26
EBD 6 – A despedida do líder	30
EBD 7 – Após a conquista e ocupação da terra	34
EBD 8 – Débora e Gideão – Juízes valorosos	38
EBD 9 – Jefté e Sansão – Fracassos e vitórias	42
EBD 10 – A influência da liderança	46
EBD 11 – Quando falta o líder	50
EBD 12 – Altos e baixos na vida de um povo	54
EBD 13 – Uma história para ser lembrada	58

VARIEDADES

Para você pensar: A mente de Jesus. Ser como Jesus – Esta é a meta do discípulo	4
Hino do trimestre: Vitorioso – 471 do CC	5
Ênfase do ano – O reino de Cristo está entre nós	6
Pra saber mais – Aprendiz e mestre	62
Lazer	63
Atividades do suplemento	64

A MENTE DE CRISTO SER COMO JESUS — ESTA É A META DO DISCÍPULO

Texto básico: Filipenses 2.1-11

Para memorizar: “Tenho lhes dito estas palavras para que a minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa” – João 15.11.

Para pensar: “Ser cristão é ser como Cristo. Perder a vida de algum modo a fim de encontrá-la. O cristianismo prega não apenas um Deus crucificado, mas também homens e mulheres crucificados” (Brennam Manning.)

Para vigiar: NÃO pare de depender de Deus.

Para alcançar: Posso não ser como Cristo, mas esta é a minha meta.

EXERCÍCIOS

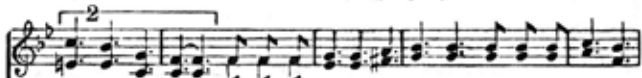
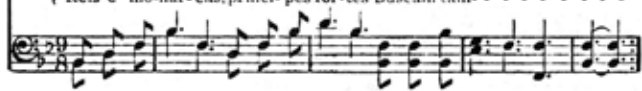
1. Faça um inventário pessoal, perguntando-se: Estou mesmo disposto a tomar a cruz de Jesus para segui-lo? (Autoconhecimento).
2. Confesse a sua distração, muitas vezes alimentadas por práticas religiosas, e peça perdão por permitir desgarrar seu ramo da Videira verdadeira (Confissão.)
3. Ore especificamente sobre este assunto. Escreva uma oração. Memorize um salmo. Medite numa oração que alguém escreveu. Cante, por exemplo, Ruge forte contundente, a guerra do pecado, mas os seus clangores vis não podem me afligir. Sei em quem confio, pois na Rocha estou firmado, e celestes bênçãos irei fruir (João Filson Soren – Hino 560 do Hinário para o Culto Cristão – HCC – 1ª estrofe). Torne claro o seu desejo de ter o mesmo sentimento que houve em Jesus Cristo (Oração.)
4. Passe tempo meditando sobre como você pode se parecer com Cristo (Reflexão.)
5. Decida parecer-se com Jesus (Decisão.)
6. Empenhe-se para ser cada dia mais parecido com Jesus. Vigie para não retroceder. Vigie seus hábitos (Esforço.)

Azevedo, Israel Belo de, 1952 – *Academia da alma: para uma vida cristã saudável*. Rio de Janeiro: Convicção, 2007.

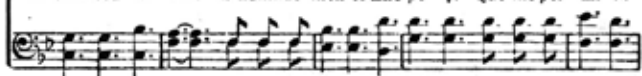
VITORIOSO - 471 CC



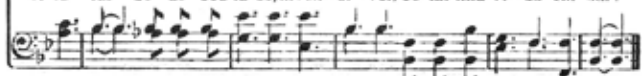
1. { Sempre vencen-do, mui va-lo-ro-so, Cris-to Je-sus, o Se - - nhor!
Che-fe ben - di - to, Che-fe glo-rio-so, Em tu-do É
2. { Sempre vencen-do, mui va-lo-ro-so, Cris-to Je-sus, o Se - - nhor!
Eis su - as hos-tes i - nu-me-rá-veis, Vin-do com
3. { Sempre vencen-do, mui va-lo-ro-so, Cris-to Je-sus, o Se - - nhor!
Reis e mo-nar-cas, prínci-pes for-tes Buscam tam -



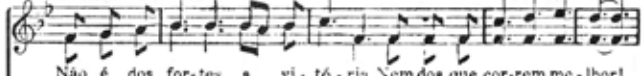
1. le é ven-ce - dor. Ei - Lo su-premo, gui-an - do Com seu po - der e
2. mui-to va - lor! Cris-to que é nos-so Mo-nar-ca, E tem a gló-ria
3. bém seu fa - vor. E humilde-men-te Lhe pe - ço Que me per - mi-ta



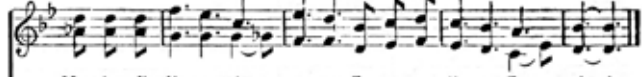
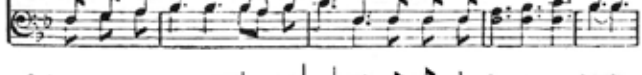
1. va - lor! To-dos u - ni - dos, a - van-te, To-dos seguin-do o Se - nhor!
2. do Pai, Sempre nos a-ma e nos guarda, Sempre co-nos-co É - - le vai!
3. lu - tar Só ao seu la-do, inven - ef - vel, Té mi-nha vi - da fin-dar!



Estribilho



Não é dos for-tes a vi - tó - ria, Nem dos que cor-rem me - lhor!



Mas dos fi - éis e sin - - ce - ros, Co-mo nos diz o Se - - - nhor!



Fanny Jane Crosby (1820-1915)

John Robson Sweny (1837-1899)

Trad. Salomão Luiz Ginsburg (1867-1927)

O REINO DE CRISTO ESTÁ ENTRE NÓS

A Convenção Batista Brasileira escolheu para este ano o tema “Transformados pelo poder do reino de Cristo”. A ênfase que norteará nossas igrejas se baseará em 1 Coríntios 4.20 – O reino de Cristo está entre nós.

É um tema pouco explorado, mas de uma riqueza imensurável. Em Mateus 3.2 o próprio Jesus fala acerca do reino de Deus. Na série de livros “Como a Bíblia nos fala hoje – Mateus, o Evangelho do reino, o autor Irênio Silveira Chaves aborda com muita propriedade que quando nos referimos ao reino presente, podemos entender como a manifestação do poder de Deus entre os homens, ao qual todos devem se render.

Os sinais que comprovam a chegada do reino, conforme as profecias do Antigo Testamento se cumpriram em Jesus (Mt 11.2-6). Mateus 12.18 afirma que a expulsão de demônios é uma marca incontestável da chegada do reino de Deus entre os homens, com a proclamação da presença e atualidade da manifestação do reino de Deus, Jesus Cristo (Mt 24.14).

O reino pertence aos pobres de espírito (Mt 5.3), aos que são perseguidos por causa da justiça (Mt 5.10) e aos que se assemelham às crianças (Mt 18.1,3; 19.14). O acesso ao reino é franqueado a todos (Mt 8.11) de maneira que, mesmo publicanos e meretrizes podem entrar, basta crer (Mt 21.31,32). O evangelho é a boa-nova do reino (Mt 4.23). Jesus nos convida para tomarmos parte no seu reino como quem

convida para um banquete ou uma festa (Mt 8.11; 22.1-14). O reino de Deus é uma bênção presente aos homens.

Será uma grande oportunidade para nós apresentarmos esse reino mostrando que para entrar nele é necessário arrependimento que resulta em transformação.

Ênfase: O reino de Cristo está entre nós

Tema: Transformados pelo poder do reino de Cristo

Divisa: “Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder” – 1 Coríntios 4.20

Hino do trimestre: Vitorioso – 471 CC

Eva Souza da Silva Evangelista

UM PANORAMA DA CONQUISTA DA TERRA PROMETIDA JOSUÉ, JUÍZES E RUTE

Quarenta anos sob a orientação e liderança de alguém é muito tempo. Biblicamente, este tempo é relativo a uma geração. O simbolismo disto está registrado na história que acabamos de estudar no êxodo do povo de Israel. Quando o Senhor desejou que uma nova geração entrasse na terra prometida, ele vai fazer com que Moisés vagueie pelo deserto cerca de 40 anos para que só, então, com uma nova geração formada, o povo entrasse em Canaã.



Moisés vai marcar de forma exuberante esse povo. Com a sua condição de líder moral, social e espiritual, ele vai conduzir Israel sob o guarda-chuva de sua capacidade e dependência de Deus. Podemos imaginar o vácuo que se abriria no

momento em que ele faltasse. Ele mesmo interpreta isso para o Senhor quando, em Números 27.16,17, diante da revelação de que não entraria na terra, pede ao Pai: *“Que o Senhor Deus dos espíritos de toda a carne, ponha um homem sobre a congregação, o qual saia diante deles e entre diante deles, e os faça sair e os faça entrar; para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor”*.

O Senhor então vai responder, de pronto, ao grande líder: *“Toma a Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e impõe-lhe a mão”*. Ou seja, o homem certo para o momento certo já estava escolhido. O Senhor, durante aqueles 40 anos, vinha observando o jovem serviçal, agora um experiente e maduro escudeiro e o selecionara dentre os demais homens de Israel para vir a ser aquele que sucederia ao grande Moisés, dando início à saga dos grandes personagens de seu povo em prol da continuidade e da preservação dos valores que ele queria ver incutidos em seus representantes para o mundo.

É a história desse homem que estudaremos no livro que toma o seu nome.

SUA HISTORICIDADE

Os fatos que vamos acompanhar narrados neste livro remontam cerca de 1.500 ou 1.400 anos a.C. Não há precisão histórica, mas hoje os comentários bíblicos tentam

definir, com o maior rigor de proximidade possível, uma datação básica para tais fatos. No caso do livro de Josué, esses estudiosos chegam a apontar com muita exatidão para 1422 a.C., havendo alguns que chegam mesmo a marcar a data de 4 de abril de 1422 (Bíblia em Ordem Cronológica, Editora Vida, 2003) como aquela em que se iniciou a conquista, com a travessia do Jordão. Abril, abibe ou nisã no calendário judaico, era o primeiro mês do ano para o judeu em função de sua associação à Páscoa que, com a saída do povo do Egito, marcara o início de uma nova vida para Israel, um novo ano começando. Depois de 40 anos, o mesmo se dava, iniciando-se a conquista após a Páscoa, comemorada sempre no 14º dia daquele mês.

SUA AUTORIA

O livro tem tradicionalmente sua autoria atribuída ao próprio Josué. Devemos lembrar que tal identificação deve ser sempre encarada como uma referência natural ao personagem principal da narrativa contida no livro, bem como o fato de que ele deve ter orientado ou coordenado seus escribas na tarefa do registro histórico dos eventos que ocorriam. Este consenso, que foi válido para Moisés e sua autoria do Pentateuco, é válido aqui para Josué, como será também para Samuel, Isaías, Jeremias e outros livros do Antigo Testamento. Para muitos comentaristas, o livro foi escrito ao tempo em que os fatos

aconteciam, pois os manuscritos mais antigos registram, por exemplo, em 5.1 que as águas do Jordão ficaram secas até que “nós passássemos”, e em 5.6, que “nós andamos” pelo deserto por 40 anos. Outrossim, alguns estudiosos acreditam que o livro deve ter sido complementado pelos trabalhos dos escribas ao tempo da organização do reino com Salomão e mesmo na restauração de Israel, depois do cativo babilônico.

SUA CRONOLOGIA

Não há nenhum registro histórico que nos dê uma ideia do tempo em que se passa a narrativa da conquista. Podemos apenas imaginar, tendo em vista que Josué morreu aos 110 anos (24.29), e fazer então um pequeno exercício de reminiscências, lembrando que se ele se juntara a Moisés, logo no início do êxodo como seu auxiliar mais direto, sendo o comandante guerreiro do povo de Israel, que não podemos atribuir-lhe aí uma idade menor do que 30 a 40 anos. Numa cultura patriarcal como a judaica, só com esta idade é que o homem era chamado para o exercício da liderança. Somando-se então os 40 anos de duração do êxodo, Josué deveria ter 80 a 90 anos quando substituiu Moisés, iniciando a conquista. Como é sabido que os fatos narrados no livro não são sequenciais, e tendo ele chegado aos 110 anos, podemos pensar, finalmente, em torno de 20 a 30 anos para a duração cronológica do livro.

SEU OBJETIVO PRINCIPAL

Além do aspecto cronológico, outro aspecto importante ressaltado no livro é o da ocupação territorial de Israel. A terra prometida a Abraão estará, agora, sendo efetivamente ocupada pelo povo de Deus, o que não acontecera até então. Agora é que, objetivamente, Canaã vai se tornar terra de Israel, pois os seus limites infinitos apontados para Abraão em Gênesis 13.14,15 – *“Levanta agora os olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente; porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre”* – serão agora sinalizados pelo Senhor para o conquistador: *“Desde o deserto (o Sul, na Judeia, na divisa com o Egito) e este Líbano (o Norte, provavelmente marcado pelo Monte Hermom nas regiões da Síria), até o grande rio, o Rio Eufrates, toda a terra dos heteus (o limite Oeste, o Oriente, a chamada Transjordânia), e até o Grande Mar para o poente do sol, será o vosso termo”* (o limite Leste, o Ocidente, o Mar Mediterrâneo). Quando as tribos se distribuem por Canaã, durante a conquista elas tomarão posse da região que o Senhor destinou a Israel, conforme podemos vislumbrar nos mapas históricos que delineiam esta ocupação.

Almir dos Santos Gonçalves Júnior

TEXTO BÍBLICO
Josué 1 e 2

TEXTO ÁUREO
Josué 1.9

**DIA A DIA
COM A BÍBLIA**

SEGUNDA
Josué 1.1-9

TERÇA
Josué 1.10-15

QUARTA
Josué 1.16-18

QUINTA
Josué 2.1-7

SEXTA
Josué 2.8-13

SÁBADO
Josué 2.14-21

DOMINGO
Josué 2.22-24

O DESAFIO À LIDERANÇA

Iniciamos com a presente lição o estudo do livro de Josué, grande personagem da história do povo de Deus no Antigo Testamento, com ensinamentos preciosos para nós hoje, povo de Deus do século XXI. Se porventura você não leu a introdução a estes estudos, volte, por favor, às páginas anteriores para tomar melhores informações deste livro singular no contexto da Palavra de Deus.

O COMEÇO DE UMA NOVA ETAPA (Js 1.1-9)

Até o final do Pentateuco, o êxodo do povo de Israel se dera, quando avultou por sua liderança e capacidade o grande personagem Moisés que, escolhido por Deus, tirou o povo da escravidão do Egito. Passado esse tempo, Moisés morre e aquela multidão que perambulou pelo deserto chegou, enfim, às portas da herança que lhe fora prometida no passado. No entanto, os problemas são muitos, os desafios enormes, os receios tremendos, pois o desconhecimento do que lhes esperava além do Jordão por certo os atemorizava. Principalmente, um certo pânico deveria cercar os seus corações: o vazio da liderança deixado com o passamento de Moisés.

É nesse momento que vem o Senhor Deus e traz a solução. Aquilo que ele já acertara com Moisés (Dt 31), pois este expressamente lhe pedira isto, se concretiza agora. O Senhor vem, e com as palavras especial-

mente do versículo 6, empossa o sucessor do grande líder. Este “tu farás” é a afirmação inamovível de Deus de que estaria por trás, encorajando, animando e fortalecendo Josué.

Na obra de Deus não há insubstituíveis. Quando ele retira alguém da luta é porque já tem outro alguém para o seu lugar. Com Moisés, foi assim. Em nossos trabalhos, na igreja de Cristo hoje, o Senhor também nos está chamando para uma obra em que ele estará por perto, ajudando e dando forças.

UM PACTO RESPONSÁVEL (Js 1.10-18)

O primeiro passo a ser dado pelo povo de Deus, agora com nova liderança, é de suma importância e significado. A travessia do Jordão representava muito para eles, pois seria o marco do término da jornada de 40 anos e do início de uma nova e definitiva etapa: a ocupação da terra prometida.

Josué, como bom líder, chamou parte de seus seguidores, aqueles que ficariam aquém do Jordão, à ordem. Lembrou-lhes o compromisso assumido no passado, fez-lhes ver os desafios que teriam pela frente, a necessidade de que se unissem às demais tribos para que juntos conquistassem a terra. A resposta é dada em uníssono e em unanimidade: “Estaremos sempre com você”. O restante da história

Muitas vezes, em nossa vida escolar, profissional, eclesiástica e mesmo no lar, fracassamos por não termos o cuidado de, antes de nos lançar a qualquer empreitada, verificar todas as possibilidades envolvidas, os riscos, os fatores positivos ou negativos presentes

todos nós sabemos: de como os filhos de Rúben, Gade, e parte dos de Manassés se empenham em conjunto com os seus irmãos atravessando o Jordão e conquistando a terra.

Esse foi um pacto responsável. Não houve desídia nem pouco caso. Embora eles já pudessem se dar por satisfeitos, pois a terra onde estavam já era a herança que esperavam, ainda assim se dispõem a ajudar os irmãos na conquista do espaço que eles desejavam para os seus filhos em herança. Na obra de Deus, hoje, muitas vezes, pactos são feitos, acordos são assinados ou tratados, mas, infelizmente, talvez, não com tanto espírito de responsabilidade como seria de se esperar. Às primeiras dificuldades, as pessoas se dispersam, os propósitos

se esvaiem e a integração pretendida em prol de objetivos comuns se torna diluída e enfraquecida, comprometendo mesmo os resultados que poderiam ser alcançados. Tais como o povo de Deus nesse episódio, precisamos em nossas igrejas de pactos responsáveis que nos levem à vitória e à conquista.

OS CUIDADOS DA LIDERANÇA (Js 2.1-7)

A liderança bem exercida é aquela que se vale dos mais diversos recursos para o seu melhor resultado e desempenho. Criatividade, envolvimento, energia, planejamento, simpatia, capacidade, dosados sempre pela boa ética e moral, são ingredientes fundamentais para o melhor exercício dela. Josué, um dos maiores líderes da história bíblica, não podia falhar

Na obra de Deus, hoje, muitas vezes, pactos são feitos, acordos são assinados ou tratados, mas, infelizmente, talvez, não com tanto espírito de responsabilidade como seria de se esperar

em nada disso, como não falhou, pois vemos esses itens presentes em toda a sua carreira.

Josué, entretanto, acrescentou algo mais ainda a esse elenco de virtudes necessárias à boa liderança: seu espírito cauteloso e previdente. O bom líder é aquele que procura conhecer tudo que diz respeito ao desafio a vencer, antes de se lançar a ele. Josué tomou a providência de conhecer antes o inimigo que teria que derrotar. Envia os seus espias para que possam dar-lhe depois uma ideia sobre o posicionamento deles, pontos fortes ou fracos em sua defesa, cuidados a tomar, estratégias a seguir. Tal procedimento, que pode ser visto por alguns como desnecessário ou contra-indicado para quem tem a certeza de sua fortaleza, evidencia apenas bom senso e discernimento.

Muitas vezes, em nossa vida escolar, profissional, eclesiástica e mesmo no lar, fracassamos por não termos o cuidado de, antes de nos lançar a qualquer empreitada, verificar todas as possibilidades envolvidas, os riscos, os fatores positivos ou negativos presentes. Como servos de Cristo, no mundo de hoje, devemos ser cautelosos e cuidadosos na obra do Senhor, e não nos lançarmos a ela sem um mínimo de estudo e preparo, a fim de que pela bênção dele mesmo tenhamos a garantia da vitória.

UM PERSONAGEM MARCANTE (Js 2.8-24)

A Palavra de Deus apresenta-nos a certos personagens que, por atitudes ou palavras, mínimas e rápidas, se tornaram marcantes em toda a Bíblia. Esta mulher é uma delas. Raabe, por seu desprendimento e coragem, em um episódio apenas na história bíblica, se tornou digna da admiração e respeito de todo o povo de Deus para todo o sempre.

A viúva de Sarepta, a menina-serva de Naamã, o menino que doou pães e peixes para Jesus e seus discípulos, Simão, o cireneu que ajudou a conduzir a cruz, e muitos outros, são personagens que, citados isolada e fugazmente na Bíblia, iluminam com seus gestos quase anônimos e humildes a nossa vida de leitores da Palavra de Deus mais de dois milênios decorridos desde suas épocas.

Raabe é, para nós, um dos melhores exemplos dessa elite de pessoas. Vivendo em Jericó, portanto, afastada da linha histórica da revelação de Deus, pois só agora aquele povo ali chegava, ainda assim tem para com a situação que lhe surge, uma impressionante atitude de antecipação, compreensão e desprendimento. Entende o que está por acontecer, crê na operação de um Deus forte e poderoso na vida daquele povo e se coloca disponível para, de alguma forma, servi-lo também. O que Raabe não sabia é que aquele fio de escarlata colocado na janela de sua casa apontava

para o Calvário. O que Raabe não sabia é que, por esse gesto desprendido e perigoso, ela estava se tornando participante da família de Deus. O que Raabe, uma simples dona de hospedaria em Jericó não sabia, é que por essa atitude decisiva, seu nome se inseriria na história da vida do Salvador do mundo, Jesus Cristo. Você está se dispondo a servir a Deus nas menores e mínimas coisas que acontecem ao seu redor? Foi isto que Raabe fez.

CONCLUSÃO

Este livro não pode ser separado dos cinco primeiros livros da Bíblia. Alguns comentaristas chegam mesmo a mencionar que em registros históricos dos hebreus há menções ao “hexateuco” e não ao “Pentateuco”, como o primeiro conjunto de livros da Bíblia, quando então o livro de Josué comporia com os cinco de Moisés (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) uma parte inseparável.

O fator predominante que deve ser destacado do livro é, sem dúvida, o propósito do seu personagem principal em dar perfeita continuidade e preservação àquilo que Moisés empreendera em sua liderança, sob o comando de Deus e sobre o povo de Deus. Em diversos momentos do livro, vemos o registro de que aquilo que estava Josué fazendo era em observância ao que Moisés lhe havia transmitido anteriormente.

TEXTO BÍBLICOJosué 3; 4; 5; 8; 10;
11; 12.7-24**TEXTO ÁUREO**

Josué 3.5

AS CONQUISTAS DO POVO DE DEUS

DIA A DIA COM A BÍBLIA

SEGUNDA

Josué 3.1-17

TERÇA

Josué 4.1-24

QUARTA

Josué 6.1-27

QUINTA

Josué 8.1-35

SEXTA

Josué 10.1-43

SÁBADO

Josué 11.1-23

DOMINGO

Josué 12.1-24

Os nossos leitores irão notar uma singularidade nestes estudos. Em vez de lermos o texto corrido de cada livro nós o faremos de forma salteada, reunindo a cada estudo os textos bíblicos que embasam a temática que estaremos abordando.

Os capítulos que, porventura saltaremos, estarão sendo objetos de leitura e comentários nos outros estudos, compondo os outros temas que iremos retirando do livro tão inspirativo para os nossos dias.

A SANTIFICAÇÃO NECESSÁRIA (Js 3)

O tema principal deste capítulo está contido em nosso texto áureo. Quando o Senhor nos promete “maravilhas” para o nosso “amanhã”, é efetivamente muito expressivo. Foi isso que aconteceu ao povo de Deus no início da conquista, quando a travessia do Jordão parecia para eles algo impossível ou pelo menos difícil de realizar.

Isto nos sugere crescimento, vitórias, resultados positivos em nossos empreendimentos. Lembremo-nos, no entanto, que as “grandes maravilhas” da promessa de Deus estão condicionadas a um mandamento inicial. A palavra é tão forte para o povo de Deus

do passado bíblico que vem expressa, inclusive, no imperativo: “*Santificai-vos*”. Somente por meio da vida pura e santa diante de Deus, as bênçãos viriam ao encontro daquele povo.

Estamos almejando bênçãos? Começamos então pelo caminho do Senhor a Josué: Santifiquemo-nos. Coloquemos a nossa vida no altar do Senhor.

O SIGNIFICADO DE MONUMENTOS (Js 4)

Este capítulo nos conduz a um momento muito especial em todo esse acontecimento registrado em torno do Rio Jordão, nas proximidades de Jericó. A vida religiosa, que aquele povo começava a conhecer, precisava de certos símbolos e figuras que evocassem realidades espirituais maiores: doze homens, doze tribos, doze pedras do meio do Jordão, e a construção de uma coluna de pedras, uma espécie de monumento, que celebrasse a passagem maravilhosa do Jordão. Tudo isso para que, no futuro, quando por ali passassem os filhos dos filhos de Israel, eles pudessem se lembrar que as águas do rio se abriram e o povo de Deus, ainda que o rio transbordasse em todas as suas margens, atravessara a pé enxuto para a outra banda.

Diante de quadro tão significativo como este, fica-nos a pergunta: Que memorial estamos constituindo para o nosso viver?

Quais são as “colunas de pedra” que estamos levantando em nossa vida? Que lembranças espirituais guardamos para o nosso amanhã? O que as gerações futuras dirão acerca de nós?

O TÉRMINO DE UMA BÊNÇÃO (Js 5)

Em geral, somos levados a comemorar o início de uma bênção. Ou seja, damos graças a Deus e manifestamos nosso louvor a ele na celebração de alguma vitória alcançada. Bênçãos encerradas não são motivos de regozijo, mas muitas vezes de lamentação, pois somos levados a reclamar do fato de não mais as estarmos desfrutando.

Com o povo de Deus não foi diferente. Celebraram, por certo com alegria, a páscoa, marcando assim o início de um novo tempo na terra em conquista. Naquele mesmo dia, a dádiva do maná, que durante 40 anos fora bênção diária, constante, ininterrupta, se encerra, e o povo, pelo menos em termos de registro bíblico, não é levado a manifestar uma mesma celebração por algo que lhes fora de inestimável valia durante todo aquele tempo.

Vale a pena manifestar ao nosso Deus a nossa alegria e felicidade por aquilo que há tanto tempo ele nos tem concedido. Que uma determinada bênção, porventura encerrada, não seja motivo de lamentação em nossa vida, mas de alegria e gratidão.

A DERROTA QUE SE TRANSFORMA EM VITÓRIA (Js 8)

Para o povo de Israel no êxodo e conquista da terra, a capacidade divina de transformar as coisas em volta foi sempre infinita. Transformou o Mar Vermelho em pista seca. O estéril deserto em oásis. O orvalho da manhã em maná. Os muros de Jericó em escombros. E agora, a derrota em vitória.

Sim, aquilo que tinha sido a sua derrota em Ai será, agora, da mesma forma como da vez anterior, a sua vitória. Aquilo que tinha sido motivo de vergonha para o grande líder Josué, a fuga do exército que havia sido enviado àquela cidade, será agora por Deus usado como a estratégia que lhes possibilitará a vitória. A fuga se transforma em artil para o êxito.

Esse episódio nos ensina que não podemos ficar sucumbidos diante dos destroços de um fracasso ou de uma queda na vida. Temos que tirar da derrota as lições para a nossa recuperação e retorno. Se Josué e todos os demais homens de Israel ficassem apenas se lamentando, não haveria espaço para a retomada. Mas, sob a orientação do Senhor, conseguiram transformar a derrota em vitória.

UM DIA DIFERENTE (Js 10)

É interessante como o Senhor mais uma vez faz Josué ser intermediário de um

milagre, semelhante ao de seu antecessor Moisés. Depois da travessia do Jordão, que lembrava a do Mar Vermelho, agora a batalha contra os amorreus, lembrando a luta do exército de Israel contra os amalequitas no deserto. Ali foi Moisés que, enquanto orava de braços estendidos aos céus, e para isto Arão e Hur o ajudaram, fazia Israel prevalecer na guerra. Agora foi Josué que orou pedindo a Deus que o sol e a lua se detivessem até que a batalha chegasse ao seu fim com a vitória esperada.

Este foi um dia, sem dúvida, diferente. Um dia de quase 36 horas, quando o Senhor estendeu a luminosidade necessária para que a batalha não cessasse com a noite, e assim pudesse o povo de Deus vencer os seus inimigos de uma vez por todas.

A Bíblia não nos registra o que o povo fez para dar testemunho de sua gratidão pela bênção recebida, mas, o simples registro escriturístico é categórico: *“não houve dia semelhante a esse, nem antes nem depois dele, atendendo o Senhor assim à voz de um homem”*.

Como estamos registrando as bênçãos maiores que nos cercam? Temos dado a Deus o devido louvor e gratidão por tais epopeias ou, simplesmente, com o tempo as esquecemos e desprezamos? Nunca esqueçamos de louvar e agradecer ao Senhor.

COMO ENTENDER A VONTADE DE DEUS? (Js 11)

A descrição dessas diversas vitórias do povo de Deus sobre os seus inimigos nos apresenta, mais uma vez, a vontade de Deus difícil de ser compreendida. Como entender que vindo de Deus o propósito do “endurecimento daqueles corações”, poderiam eles escapar? Se Deus mesmo não lhes permitiu pensar de outra forma, como poderiam esses povos escapar da morte? Seria o Senhor então, o responsável maior por aquele genocídio? Temos que nos lembrar sempre que a vontade de Deus é a melhor para o homem. O apóstolo Pedro, no Novo Testamento, chega mesmo a afirmar que “ele não quer que nenhum se perca”, mas, sim, “que todos venham a arrepender-se”.

No versículo 4, lemos que foram eles “que saíram” para a luta. Ou seja, a presença do pecado e devassidão em que viviam esses povos era, por si só, a razão para que agissem contra Israel e com isso encontrassem a morte. A forma de dizer do escritor sacro foi de que “veio do Senhor o endurecimento”, mas na realidade é que sob o conhecimento de Deus, em sua onisciência e presciência, esse endurecimento advinha do próprio afastamento dos princípios divinos para a vida. Deus sabia disso e, por isso, desde o início dissera a Moisés que eles precisavam ser expulsos da terra. Não que o

Senhor desejasse o mal para eles, mas, sim, que o pecado deles isso exigia.

A CONQUISTA CHEGA AO FIM (Js 12.7-24)

Uma etapa da ocupação da terra está para ser concluída. A citação que temos neste capítulo dos 31 reinos que foram vencidos por Josué e seu exército encerra o episódio da conquista da terra, para dar início à ocupação propriamente dita, com a divisão que será feita das terras pelas tribos de Israel.

O fim da conquista não é, portanto, para o povo de Deus, um prenúncio de tranquilidade e paz. Não. A luta continuaria, só que agora de forma diferente. Não mais o povo todo em combate para desalojar os inimigos, mas, sim, tribo por tribo, para cada uma em sua região respectiva, ocupar a terra, construindo suas habitações, cidades, plantações, começando assim a vida em comunidade integrada.

CONCLUSÃO

É realmente impressionante o comportamento deste homem chamado Josué. Não há máculas, nem rasuras nas páginas que esta vida escreveu na Bíblia. Josué é um exemplo de fidelidade.

TEXTO BÍBLICO
Josué 7 e 9

TEXTO ÁUREO
Josué 7.13

DERROTADOS POR CAUSA DO PECADO

**DIA A DIA
COM A BÍBLIA**

SEGUNDA

Josué 7.1-9

TERÇA

Josué 7.10-15

QUARTA

Josué 7.16-26

QUINTA

Josué 9.1-7

SEXTA

Josué 9.8-15

SÁBADO

Josué 9.16-21

DOMINGO

Josué 9.22-27

Josué era até agora um líder invencível. Todas as batalhas em que se envolvera para chefiar o povo de Deus terminaram com a vitória para Israel. Isto, porque sempre que o fizera, ele trabalhava com um povo que estava preparado para tal, isto é, estava fazendo a guerra em nome do seu Deus. Este é que ordenara e determinara a batalha, daí a invencibilidade do chefe guerreiro Josué.

No primeiro entrevero com o povo de Ai, uma cidade próxima a Jericó, Israel vai sofrer uma estrondosa e vergonhosa derrota. O encontro com o povo de Gibeão, logo depois, vai trazer para Israel um novo momento de infelicidade, pois, por não consultar ao Senhor, o povo vai ser enganado pelos gibeonitas, permitindo a entrada no seio de Israel da presença do pecado e do mal representada por uma nação pagã como todas as demais de Canaã. Exatamente aquilo que o Senhor lhes tinha ordenado em contrário.

O PECADO DE ACÃ (Js 7.1-15)

O acontecido com Acã vai se transformar em mais uma lição para o povo de Deus. É interessante como o Senhor usa um ato isolado e quase anônimo para fazer dele um ensino profundo para o seu povo: o pecado de uma pessoa apenas pode trazer consequências trágicas para toda a comunidade. No cotidiano popular, cunhou-se

a frase: “Uma maçã estragada contamina todas as demais”.

O pecado de Acã vai ensinar ao povo a necessidade de que todos, sem exceção, tenham sempre vidas puras diante de Deus, pois, pelo erro de uma pessoa apenas toda a nação vai sofrer um contundente revés.

Além do vexame da fuga diante dos exércitos inimigos, a perda de 36 vidas em combate. Diante disso, passamos a entender o porquê do sentido da conclamação do Senhor nos versículos acima lidos, para que se descubra o “anátema”, lembremos que a palavra quer dizer “maldição, opróbrio, execração, vergonha”. Ou seja, “a loucura” cometida precisava ser extirpada de entre o povo para que a recuperação se desse. Era necessário que a vergonha cometida fosse desfeita para que a renovação viesse.

Muitas vezes em nossa vida e em nossas igrejas sentimos que as coisas não andam bem, que algumas atividades estão contrariando o que se poderia esperar, que as vitórias, enfim, não chegam, e esquecemo-nos de indagar-nos pessoal e intimamente: “Será que o “anátema” a prejudicar o andamento melhor da vida em meu lar ou em minha igreja, não é o meu pecado, a minha falha, o meu fracasso espiritual?” Este é o perigo do pecado escondido e que julgamos sem maior importância. Embora na aparên-

cia não me afete diretamente, ele pode estar prejudicando a minha vida, o meu lar, a minha igreja.

A CONFISSÃO DO PECADO (Js 7.16-26)

Uma das coisas mais difíceis para o homem é reconhecer o seu erro, a sua falha. Embora intimamente possa sentir que fracassou, seu orgulho pessoal não lhe permite dar uma palavra cabal sobre isso, preferindo ficar com subterfúgios a aceitar pura e simplesmente que caiu. A palavra de Acã, no versículo 20, nos dá um exemplo diferente disso. Diante da revelação clara e indubitável de seu pecado, não negaceia ou contra-argumenta, mas assume o seu erro, confessa o seu pecado. Desse episódio duas lições objetivas a retirar.

A primeira é que Deus conhece o íntimo de cada um de nós. Seu poder onisciente o faz sabedor de tudo o que vai em nosso coração, seja bom ou ruim. Antes mesmo que manifestemos de forma visível ou audível o nosso desejo, ele já o detectou e perscrutou. Dentre os milhares de homens das 12 tribos, o Senhor viu a tribo de Judá, a família dos zeraítas, a casa de Zabdi, e por dentre todos os seus homens, viu o filho de Carmi, Acã em seu pecado. Era como se fora “uma agulha no palheiro” mas, para o Senhor, claro como o sol brilhando ao meio-dia.

A segunda é o mérito da confissão de Acã. A disposição dele em confessar o seu erro nos ensina muito. Hoje, quanto tempo perdemos, quantas vicissitudes enfrentamos, quantas tristezas temos, unicamente porque pessoas que falharam não tomam logo a iniciativa de, sincera e positivamente, confessar suas faltas, fazendo deste ato o reinício de uma nova relação. Ficam como que escondendo a coisa e, com isso, desconfiança, insegurança e temor se instalam, não permitindo um novo recomeço. Como crentes em Cristo, sejamos humildes em reconhecer as nossas falhas.

NÃO OUVINDO O SENHOR (Js 9.1-15)

Não se pode deixar de reconhecer a astúcia e argúcia dos gibeonitas. Tomando conhecimento da força e do poderio de Israel,

A condescendência é sempre um perigo para a vida cristã. Quando começamos a concordar com certas coisas, a aceitar hábitos estranhos, a conciliar algumas situações que contrariam a vontade do Pai, as consequências negativas por certo virão, mais cedo ou tarde

tendo sabido do que eles estavam fazendo com os povos que habitavam na terra que vieram ocupar, se vestiram de trapos, calçaram sandálias rotas, e até o pão que traziam estava bolorento e o vinho que portavam estavam em odres velhos.

Para demonstrar mais ainda sua boa vontade, dispuseram-se a ser considerados como servos do povo do Israel. Tudo isso para testemunhar que vinham de terra muito distante, que não faziam parte dos moradores de Canaã, que eles sabiam, Israel tinha recebido ordem do Senhor para os expulsar.

A liderança de Israel aceitou as explicações, examinou as suas provisões, para verificar se procediam suas informações de que vinham de terras distantes, e satisfeita com o exame feito, aquiesceu ao pedido dos homens de Gibeão. Assim, puderam enganar o povo de Deus que, pensando serem eles de terras fora da Canaã que lhes fora prometida, e que por isso mesmo teria que ter dela expulsos todos os moradores cananitas por ordem do Senhor, fizeram com eles um pacto, um juramento, pelo qual lhes poupariam as vidas.

O que se deve ressaltar do texto que lemos é que a liderança de Israel não consultou a Deus sobre o problema. Tendo em vista as evidências claras e insofismáveis de que os representantes daquele povo procediam de terras distantes, acharam que não havia necessidade de pedir conselho ao Senhor sobre o assunto. Basta-



ram-se a si mesmos, e com isso tiveram que assumir consequências negativas em seu viver.

O ensino para nós é uma pergunta candente: estamos ou não ouvindo o conselho do Senhor? Estamos ou não colocando diante dele nossos problemas e decisões? Somos autossuficientes ou dependentes de Deus?

O ARDIL QUE DEU CERTO (Js 9.16-27)

A condescendência é sempre um perigo para a vida cristã. Quando começamos a concordar com certas coisas, a aceitar hábitos estranhos, a conciliar algumas situações que contrariam a vontade do Pai, as consequências negativas por certo virão, mais cedo ou tarde.

A artimanha dos gibeonitas deu certo. Três dias depois o povo de Israel tomou conhecimento que eles lhes mentiram. Não eram de terras muito distantes, mas estavam ali bem próximos, com suas quatro cidades. Diante do juramento feito, a liderança de

Israel achou que não poderia matá-los ou expulsá-los, e encontrou uma solução que, inclusive, foi do agrado daqueles cananitas. A partir daquela data eles se tornariam servos do povo de Israel: carregadores de água e rachadores de lenha.

Aparentemente, tudo bem. Embora não os matando ou expulsando da região como fora determinado na ordem que Moisés lhes passara, estariam colocando aquele povo num lugar de servidão, de dependência de Israel. Os gibeonitas conseguiram o intento que pretendiam com o ardil estabelecido: não seriam mortos, nem expulsos, mas sobreviveriam ainda que numa condição de escravidão. Sobreviver era o que lhes importava.

No entanto, a coisa não foi tão simples assim. O pior aconteceu. Aquilo que Deus desejava para seu povo, a total separação do pecado cometido pelos povos da região, não vai ser realizado. E assim, de maneira insidiosa e traiçoeira, aquele povo gibeonita, mesmo na condição de escravo, irá pouco a pouco influenciando com seus atos e atitudes o povo “separado”.